

## **Negro Horácio: Louis Rochet e a escultura antropológica no século XIX<sup>1</sup>**

Paulo Knauss

Professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense  
e Diretor-Geral do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

### **Louis Rochet e a imagem dos índios do Brasil**

Louis Rochet foi um conhecido escultor francês do século XIX, cuja vida e obra foram marcadas pelo contato com o Brasil. Em 1855 ele obteve o terceiro lugar no concurso público de projetos para a estátua equestre de d. Pedro I. O projeto do monumento era antigo. No concurso de projetos, o primeiro lugar coube à criação do brasileiro João Maximiano Mafra, professor da Academia Imperial das Belas Artes, e, em segundo lugar, foi selecionado o projeto do alemão Ludwig Georg Bappo. Considerando a magnitude da obra e as dificuldades técnicas de sua realização no Brasil, mesmo não sendo vencedor, Louis Rochet recebeu a encomenda da obra para realizar o projeto vencedor. Assim, o escultor francês realizou duas viagens ao Brasil previstas em seu contrato: a primeira em 1856, ano da encomenda do serviço, para estudar os meios de realização da obra e recolher as informações necessárias à confecção da estátua; e a segunda em 1862, ano da montagem e inauguração do monumento público na cidade do Rio de Janeiro, para dirigir os trabalhos de sua instalação. O projeto original terminou ganhando adaptações que inscreveram na concepção da obra a marca do escultor francês Louis Rochet, o que junto com as qualidades de sua realização permitem dizer que é o artista francês o autor dessa grande obra de escultura pública no Brasil. Contudo, não há como negar que o artista respondia ao um programa artístico dado pelo concurso e a encomenda da obra.

Se d. Pedro I pode ser considerado o sujeito principal da construção do estado nacional no Brasil, cabe a José Bonifácio, como patriarca da Independência, o papel de sujeito da razão de estado. Não sem motivo, sua estátua foi proposta junto com o monumento ao imperador. Coube também a Louis Rochet completar esse projeto com a estátua de José Bonifácio, inaugurada em 1872, no largo de São Francisco de Paula, na cidade do Rio de Janeiro. A segunda escultura pública completava a narrativa proposta pela primeira, considerando, que a primeira pode ser considerada uma representação da ação e a segunda a representação da razão da história da

---

<sup>1</sup> O conteúdo deste trabalho se constitui basicamente do texto da comunicação apresentada no XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, realizado no Rio de Janeiro, em outubro de 2010.

afirmação do estado nacional no Brasil. Para completar sua obra no Brasil, no mesmo ano de 1972 ele entregou uma estátua da imperatriz Teresa Cristina.

Mas o que chama atenção na obra brasileira de Louis Rochet é o fato de que ele, com o monumento a d. Pedro I, colocou em praça pública as primeiras imagens escultóricas de indígenas do Brasil.

Ainda que a criação estivesse determinada pelo projeto original de Maximiano Mafra, coube ao artista francês realizar a concepção final da escultura. Segundo Jorge Coli observa, nesse caso, “há um ótimo caso de cruzamento entre projeto brasileiro, olhar de fora, ‘alta’ e ‘baixa’ cultura”.<sup>2</sup> Em 1856, durante sua estada no Rio de Janeiro, o escultor francês se dedicou a preparar estudos para sua criação artística. Desses estudos restaram até os dias de hoje 12 bustos em gesso coloridos de índios do Brasil, existentes ainda hoje no Museu do Homem, em Paris. Essas imagens de estudo, certamente, serviram para o desenvolvimento dos rostos das personagens alegóricas do pedestal da estátua equestre de d. Pedro I.

Os indígenas do pedestal da estátua equestre são um marco na iconografia nacional. É no contexto do Segundo Reinado que se afirma a promoção do indianismo no campo da cultura visual do Brasil. Do ponto de vista da escultura, Louis Rochet foi pioneiro. Mais tarde seria seguido pela criação escultórica de Francisco Manuel Chaves Pinheiro e Rodolfo Bernardelli. Ainda que a imagem alegórica dos índios fosse usada desde o período colonial para identificar a terra do Brasil, é na segunda metade do século XIX que as artes plásticas vão participar do movimento de promoção do índio como ícone do Império do Brasil. As versões artísticas, porém, não se igualam, pois as vertentes de gosto distinguem as obras dos artistas citados.

Não se pode negar que o tema indígena integra o repertório do universo cultural do romantismo no século XIX. A comparação, porém, evidencia diferenças marcantes da escultura destes artistas. Na obra de Rochet, os corpos das estátuas indígenas do pedestal da obra de 1862 são de gestualidade expressiva, reforçada por rostos que se comunicam com o expectador da obra. Os bustos de estudo salientam o estudo das marcas étnicas que particularizam os rostos indígenas de acordo com a sua origem. Materiais de estudo que Rochet possuía indicam também a dedicação do artista à pesquisa de caracteres físicos que poderiam distinguir os índios, evitando

---

<sup>2</sup> COLI, Jorge. Idealização do índio moldou a cultura nacional. <http://www.1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/imagens5htm>, acesso em 5/3/2010.

também a generalização. No catálogo de sua coleção, encontram-se as indicações de cerca de 30 litografias de retratos de índios provenientes da obra de Spix e Martius.

Por sua vez, a conhecida *Alegoria do Império*, de Chaves Pinheiro, de 1872, ano do cinquentenário da Independência do Brasil, representa um índio de corpo rígido que se distingue por uma indumentária guerreira.<sup>3</sup>

Ao contrário da escultura de Rochet, o rosto do índio de Chaves Pinheiro não acentua as marcas étnicas. O centro e o escudo com as armas imperiais que a figura porta, certamente, não corresponde a nenhum das culturas nativas da terra do Brasil e se relaciona antes com a caracterização de um guerreiro clássico. Assim, há um evidente exercício classicizante na construção da imagem do indígena de Chaves Pinheiro. No caso de Rodolfo Bernardelli, ainda que sua produção em torno da imagem do indígena apresente variações ao longo de sua trajetória, ressalta-se a preferência pela figura feminina, valorizando a dimensão psicológica de cada figura esculpida. Assim, não são as características étnicas que são sublinhadas nas figuras indígenas de Bernardelli, mas antes a personalidade da personagem representada. Especialmente em torno de *Faceira*, realizada no ano de 1880, Gonzaga Duque anotou essa marca da obra.<sup>4</sup> Importa sublinhar que a exploração da figura indígena na escultura do século XIX no Brasil apresentou diferentes tratamentos da representação étnica.

### **A escultura que não estava programada: O Negro Horácio**

Enquanto esteve no Brasil, Louis Rochet preparou uma outra escultura pouco conhecida e que merece uma distinção especial pela sua excepcionalidade. Trata-se do busto de um negro, classificada no Museu do Homem, onde se encontra atualmente, como “buste de Brésilien”, ou busto de brasileiro. A obra em bronze é assinada por L. Rochet e datada de 1856.

---

<sup>3</sup> Uma apresentação da obra escultórica de Francisco Chaves Pinheiro se encontra em: ALFREDO, Fátima. Francisco Manuel Chaves Pinheiro e sua contribuição à imaginária carioca oitocentista. *19&20*, Rio de Janeiro, v. V, n. 2, abr. 2010. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/artistas/fmcp\\_fa.htm](http://www.dezenovevinte.net/artistas/fmcp_fa.htm). Acesso em: 20/05/2010.

<sup>4</sup> A escultura indianista de Rodolfo Bernardelli é tratada em: SILVA, Maria do Carmo Couto da. Representações do índio na arte brasileira do século XIX. *RHAA*, n. 8. p.63-71. <http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%208%20-%20artigo%205.pdf>. Acesso em: 20/06/2010.

Entre itens diversos e inúmeras peças de arte, é no catálogo da coleção Louis Rochet, exibida e posta a venda, na cidade de Paris, em 1878, que, no lote de mármore e bronzes, encontra-se indicado o busto chamado *Le Nègre Horace*, ou *O Negro Horácio*. Em seguida, o catálogo lista também o estudo em gesso do mesmo busto.<sup>5</sup>

No *Bulletin de la Société d'Anthropologie de Paris*, publicado em 1869, encontra-se a notícia de que o irmão do escultor, Charles Rochet teria doado a essa sociedade científica a imagem de um negro em gesso. A respeito dessa peça, pode-se levantar a hipótese de que se tratava da mesma peça mencionada no catálogo de 1878. De todo modo, nessa referência da Sociedade de Antropologia de Paris consta que Charles Rochet teria informado que o modelo fora concebido por seu irmão Louis Rochet, durante sua estada no Rio de Janeiro em 1856. Trata-se do ano em que esteve no Brasil para realizar estudos e acertar as condições de seu contrato para realizar a estátua equestre de d. Pedro I. Além disso, a mesma anotação registrava o fato de que se tratava da imagem de escravo e cozinheiro de negociantes franceses, com a idade de 40 anos, que se chamava Horácio. Nascido na região de Cassange, da Guiné, Horácio havia sido comprado aos 5 anos pelo Sr. Desmarais. Assim, se Horácio tinha 40 anos em 1856, pode-se considerar que havia nascido em 1816 e que em 1821 foi comprado como escravo. Não se pode precisar quando teria vindo ao Brasil.<sup>6</sup>

É interessante anotar como a figura é descrita no referido texto, chamando atenção para o interesse pela análise das características físicas do rosto apresentado em escultura. Segundo a referência a figura representada possuía orelhas pequenas e uma boca de lábios carnudos que concorria com o nariz, característica que não é atribuída a uma espécie de hipertrofia muscular ou a marca de prógnato. Além disso, indica-se que o cabelo tinha a característica comum de negros, enquanto a barbicha de pelos lisos se assemelhava a dos europeus. Finalmente, o registro avalia: “As características que ele tem se pode atribuir tanto a características individuais como as características de raça”.<sup>7</sup>

Por meio de sua obra escultórica, percebe-se que Louis Rochet assim como outros viajantes estrangeiros do século XIX, teve seu interesse despertado pela diversidade étnica da sociedade local, desenvolvendo as primeiras esculturas em bronze de índios e de um escravo negro do

---

<sup>5</sup> *Catalogue des Sculptures...* de M. Louis Rochet..., par Horsin Déon.... Paris, 1878

<sup>6</sup> *Bulletin de la Société d'Anthropologie de Paris*, Paris, ser. 2, t. 4, fasc. 1-4, 1869. acesso : <http://gallica.fr>. Acesso em 14/05/2008.

<sup>7</sup> Idem. Tradução do autor.

Brasil. Com estas imagens ele certamente se integrava numa tendência artística européia da época em torno do gosto pela escultura antropológica, reunindo o gosto da ciência e o gosto pelas artes.

### **Arte e antropologia**

Diante da escultura do busto de Horácio, o bom tratamento da peça em bronze e a beleza plástica da figura chamam atenção do olhar. Cabe ressaltar que no catálogo da coleção o busto é caracterizado como “estudo antropológico executado no Rio de Janeiro”. Desse modo, destaca-se sua característica de obra de estudo. Contudo, em seguida, registra-se que a peça foi exposta no salão de 1857, o que confirma sua marca artística. Há assim uma combinação entre arte e antropologia em torno da figura de Horácio.

Charles Rochet, o irmão de Louis Rochet, discutiu a relação entre antropologia e arte em comunicação realizada na seção de 21 de fevereiro de 1895, da Sociedade de Antropologia de Paris. Ainda que admitisse que há uma diferença entre o ponto de vista da ciência e da arte, Charles não acreditava numa barreira absoluta. Nesse sentido, ele compara o homem natural que deve ser estudado pela ciência com a estátua em praça pública que deve ser vista de todos os ângulos. Assim, salienta que um dos aspectos que deve ser relacionado com as artes é a abordagem física e exterior do homem, vivo e animado, a perfeição humana e sua relação com a beleza da forma. Portanto, para Charles Rochet, estabelecia-se um elo entre a pesquisa antropométrica e a pesquisa plástica da forma corporal.

Ao apresentar seu ponto de vista o autor faz referência a dois trabalhos seus anteriores. O primeiro foi apresentado em 1875 na mesma sociedade científica de antropologia parisiense e o outro, da mesma época, teria sido apresentado na Academia de Belas Artes. Ambos tratam da geometria e das leis de proporção das formas do corpo humano e o seu emprego pelos artistas gregos e se constituíram na base de seu livro *Le prototype humain*, publicado em francês e inglês. O que interessa sublinhar é que Charles Rochet, a partir desse tipo fundamental, acreditava ser possível constituir uma base de comparação entre os diversos indivíduos, povos e raças, que poderiam ser definidos como variantes. Em sua exposição, observa-se a importância que o estudo de cabeças tinha para suas pesquisas de forma, que pode se relacionar aos bustos de índios que Louis Rochet no Brasil. Pela experiência de Louis Rochet no Brasil, pode-se considerar que seu método de pesquisa das formas de figuras humanas também passava pelo

estudo de cabeças e faces, tal como se verifica na coleção de bustos de índios que foram feitos pelo escultor francês para conceber as alegorias do pedestal da estátua equestre de d. Pedro I.

Apesar de antigo membro da sociedade científica, Charles Rochet também era um artista escultor, assim como seu irmão Louis. Isso conduziu o secretário geral o caráter artístico de seu trabalho, mais do que uma obra científica, propriamente dita. Essa característica de seu estudo também foi ressaltada pelo Sr. Sanson, membro da sociedade que ao se manifestar sobre o trabalho de Rochet salientou que não havia intenção da parte de Rochet em fazer ciência antropológica, pois tratava-se de um artista. Contudo, nas suas considerações, ressaltou que a influência do trabalho de Rochet no campo científico não era desprezível, pois havia dado sua contribuição no desenvolvimento de seus estudos sobre as raças ao insistir na necessidade de não concentrar o levantamento de dados apenas nas medidas encefálicas, mas igualmente na classificação das formas nasais. Ora, esse debate destaca que, no contexto europeu do século XIX, cientistas e artistas interrogavam as formas corporais e que as observações de ambos os pontos de vista disciplinares tinham uma base de colaboração.

Os irmãos Rochet para além de seus laços familiares foram colaboradores constantes ao compartilharem o mesmo ofício de escultor, mas igualmente pelo interesse na antropologia. Certo é que Charles foi membro da Sociedade de Antropologia de Paris e que Louis foi um sinólogo conhecido de seu tempo, autor de uma gramática da língua chinesa de referência para franceses.<sup>8</sup> Curioso, também é que as fontes dessa sua pesquisa – as estampas de Spix e Martius – e o produto da pesquisa – os bustos de índios – chegaram até nós. Pouco se sabe sobre como concebeu a imagem do imperador d. Pedro I e que pesquisas teria realizado. O interesse e o engajamento dele e de seu irmão no campo da antropologia pode explicar em certa medida por que esses documentos foram guardados.

Contudo, o busto de Horácio não estava no programa de trabalho de Louis Rochet. A obra foi resultado de seu interesse pessoal. A escravidão deve ter chamado a atenção do viajante escultor. Mas certamente o tipo físico característico de Horácio deve ter sido outro ponto de interesse de Rochet e que combinava com seus estudos de antropologia. Por meio da gramática que elaborou, o escultor francês demonstrou seus conhecimentos sobre a Ásia; por meio dos bustos dos índios do Brasil, apresentou sua pesquisa sobre os povos originários da América; e por meio do busto de Horácio, o escultor dava sua contribuição para o estudo dos tipos físicos

---

<sup>8</sup> Para uma caracterização biográfica de Louis Rochet, veja-se: ROCHET, André. *Louis Rochet, sculpteur et sinologue*. Ed. André Bonne, 1978.

da África. A diversidade cultural se constituía em motivo das suas pesquisas e de sua criação intelectual e artística.

Chama atenção o fato de que o busto de Horácio circulou na França e que até hoje não tenha despertado muito interesse do ponto de vista do Brasil. Trata-se de uma peça ímpar pelo aspecto artístico, pois se distingue pela qualidade de obra exposta em salão europeu. Por outro lado, especial do ponto de vista simbólico, pois, se trata da imagem de um escravo em escultura, cuja biografia é parcialmente conhecida, o que a distingue de outras imagens alegóricas.

As origens da representação da negritude nas artes do Brasil com freqüência está associada ao retrato, de autoria de José Correia Lima, do Marinheiro Simão, datada de cerca de 1853. Portanto, o busto de Horácio é basicamente da mesma época. Mas enquanto o personagem do marinheiro ganhou notoriedade no seu tempo e não era um escravo, Horácio era um tipo social comum definido pela ordem social vigente. Não se pode dizer que na escultura brasileira a imagem do negro tenha se afirmado, tal qual na pintura especialmente na década de 1880.<sup>9</sup>

Contudo, na década de 1870, na escultura, a Lei do Ventre Livre, de 1870 criou a oportunidade para tratar a imagem de negros. Nos dias de hoje, a mais conhecida dessas peças escultóricas é o modelo em gesso exposto no circuito de exposição do Museu Histórico Nacional, que foi encomenda do movimento abolicionista.

Sob a mesma inspiração, Chaves Pinheiro criou o relevo de um frontão de edifício no Rio de Janeiro. Nesses casos, o que se caracteriza é uma versão inspirada pelo romantismo social, propício à alegorização de temas políticos. Com sentido semelhante, em 1875, instala-se a imagem *A Negra*, obra de ferro fundido Val d'Osne, de autoria do escultor francês Mathurin Moreau, no edifício da escola N. Sra. da Saúde, inaugurada pelo imperador na freguesia de mesmo nome, na cidade o Rio de Janeiro, conhecida pela comunidade urbana de negros.

Horácio, ao contrário, é uma imagem descritiva, mas com um olhar que apela ao expectador. Sua criação na década de 1850 se relaciona com a história da escultura antropológica, que ao longo do século XIX europeu deixou de ser um recurso das expedições científicas, para se afirmar como tendência artística, que tem na obra de Charles Cordier uma de suas versões de

---

<sup>9</sup> Veja-se: LIMA, Heloisa Pires. A presença negra nas telas: visita às exposições do circuito da Academia Imperial de Belas Artes na década de 1880. 19&20, Rio de Janeiro, v. III, n. 1, jan. 2008. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/obras/obras\\_negros.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/obras_negros.htm)>. Acesso em: 20/06/2010

maior destaque. Contudo, a pesquisa antropológica a partir da escultura se constituiu também em fonte para a pesquisa artística. É nesse campo que é preciso compreender o Horácio de Louis Rochet, buscando traçar vínculos entre identidades étnicas e a arte no século XIX. Em certa medida, pode-se dizer que a arte abriu o campo para a valorização da diversidade étnica partir da relação com a plasticidade artística e fazendo da alteridade física uma marca da beleza.